

O SAMBA EM SÃO PAULO: OMISSÕES E ESQUECIMENTOS

Mario Santin Frugieue (USP)

mariosfru@gmail.com

1. *Introdução*

Este estudo pretende investigar, dentro do universo sociocultural da região central do estado de São Paulo, as características lexicais que envolvem uma modalidade de samba ali surgida em meados do século XIX e que, em virtude de fatores diversos, vem sofrendo apagamento ao longo de mais de meio século. A modalidade, tipicamente paulista e contrastante com os famosos moldes carioca e baiano, é cunhada de acordo com a época e localidade específica de seu surgimento. No campo acadêmico, por sua vez, seguindo clássico ensaio de Mário de Andrade (1937) e abrangendo características coincidentes, costuma-se denominá-la Samba Rural Paulista.

De modo a realizar esta tarefa, o *corpus* objeto de trabalho será fundamentalmente constituído por entrevistas e produções lítero-musicais encontradas no *Acervo Cachuera*⁵⁹ e que atendem ao nosso objetivo. Com base nesse *corpus* e, ainda, na bibliografia encontrada sobre o tema, coletamos unidades lexicais que nos permitiram realizar um breve estudo semântico-lexical do vocabulário utilizado pelos participantes do Samba Rural. Dentre as diversas unidades lexicais que dizem respeito a este tipo de samba, no presente artigo demos preferência àquelas mais utilizadas para designá-lo, totalizando três.

A lexicologia, teoria compreensiva do fato lexical, tanto no nível das estruturas quanto das unidades (REY, 1977, p. 159-161), dar-nos-á o suporte necessário para a construção de uma lista com as unidades lexicais selecionadas. Em um segundo passo, consultaremos algumas obras lexicográficas de língua portuguesa, a fim de construir tabela comparati-

⁵⁹ Este acervo pertence ao Grupo Cachuera!, "um coletivo de práticas e estudos das tradições populares de música e dança do Sudeste brasileiro, centrado na divulgação de duas vertentes principais desse repertório: os batuques de terreiro e as congadas. Todo trabalho desenvolvido pelo grupo baseia-se nas viagens de campo, na pesquisa teórico-bibliográfica e nos ensaios, realizados ao ar livre no campus da USP". (CACHUERA, [s.d.])

va, contendo as acepções dadas por estas obras às unidades retiradas do material bibliográfico.

Primeiramente, no entanto, será preciso delimitar brevemente o campo de estudo, uma vez que o samba rural paulista, também conhecido como samba de bumbo ou samba de roda, vem desaparecendo paulatinamente e, quando encontrado, costuma não mais preservar suas características originárias. Para tanto, importa percorrer a história do ritmo, averiguando o contexto histórico de seu surgimento e propagação – cujo auge ocorreu no início do século XX –, até o início brusco de seu forçado processo de apagamento, que se dá a partir da Era Vargas e permanece nos dias de hoje, ainda que de modo menos acentuado.

2. O samba rural: origens do samba paulista

Conforme já mencionado, o samba rural paulista recebeu nomenclaturas diversas⁶⁰, a depender do local, período de seu desenvolvimento e particularidades ritualísticas: samba de bumbo, samba lenço, samba de roda, samba antigo, samba caipira, samba campineiro, samba de Pirapora, samba de terreiro, samba de umbigada ou, entre seus tradicionais praticantes, apenas samba e batuque (ANDRADE, M. de, 1937). Dentre essa significativa variedade de designações, é possível apontar aquelas tradicionalmente mais empregadas – conforme veremos adiante –, e que serão objeto da presente análise.

A cidade de Pirapora do Bom Jesus, grande centro religioso situada à beira das águas do rio Tietê, tornou-se uma espécie de balaio generoso em relação a todas estas variedades – não foi ali que o samba de São Paulo plantou sua semente, mas foi onde suas raízes fincaram mais profundamente. As diferenças coexistiam nas grandiosas festas do Bom Jesus, com cada grupo valorizando os atributos peculiares de sua região, enfatizando seu modo de fazer batuque. Nos festejos as trocas prevaleci-

⁶⁰ Situação esta que, já nos anos 50, Roger Bastide (1961, p. 9) evidenciava em seus ensaios: "(...) não existe no Brasil uma terminologia uniforme; conforme as regiões, nós nos encontramos diante de léxicos folclóricos diferentes, quer uma mesma dança, por exemplo, tome nomes diversos, como batuque, jongo, samba rural, coco, chegada de marujos, Nau Catarineta, quer o mesmo nome designe realidades muito diversas, o que quase sempre acontece com um desses termos vagos que acabamos de citar, o que é ainda mais grave. O batuque, por exemplo, designa, em várias regiões, danças que só têm em comum a mesma origem africana sendo quanto ao mais totalmente estranhas umas às outras."

am e, ao contrário dos sambas baiano ou carioca, cuja participação era majoritariamente de negros, havia uma significativa presença de caboclos e até de brancos (CUÍCA; DOMINGUES, 2009, p. 25), espelhando a estruturação racial das fazendas paulistas.

A festa católica, realizada entre os dias 3 e 6 de agosto, ao atingir certa notoriedade passou a receber frequentadores interessados em conhecer e participar dos batuques. Os romeiros que não contavam com muitos recursos alojavam-se em barracões de alvenaria afastados das atenções do clero. Estes barracões, uma vez distantes, possuíam condições adequadas para manifestações alheias às censuras da igreja da cidade, que não escondia sua rejeição pelos encontros (CUÍCA; DOMINGUES, 2009, p. 25). No entanto, com seus sambas e rituais, a parcela “profana” da festa não demorou a ser abolida, tendo a igreja decidido pela interdição e demolição dos barracões, que a ela pertenciam (CUNHA, 1937). Tal fato ocorreu em 1936, conjuntamente a outra decisão conservadora e de fundo racista: a proibição dos desfiles de cordões carnavalescos (como o Vai-Vai e o Camisa Verde e Branco) pelas ruas de Santana de Parnaíba. Também na década de 30, aliás, o regime varguista, preocupado em se apropriar do samba praticado no Rio de Janeiro e tomá-lo como a representação cultural do povo brasileiro, acaba por impor novas barreiras à sobrevivência do samba de São Paulo, menos “mercadológico”. Siqueira (2012, p. 3) sustenta, ao tratar da identidade nacional arquitetada na Era Vargas, que o samba (carioca) “passa a ser cooptado pela cultura oficial, tornando-se símbolo de uma brasilidade e identificador do elemento nacional a serviço do Estado”. Esta cooptação pelo discurso nacionalista, segundo o autor, se daria em virtude da utilização do ritmo como meio disciplinador da multidão. Junto às imposições da Sé, o Estado dificultava a sobrevivência (e desenvolvimento) do samba em São Paulo.

Com o término dos festejos realizados em Pirapora do Bom Jesus, e o consequente declínio do histórico recinto, tem início o empobrecimento (e hoje quase “extinção”) do samba rural. No interior paulista, este desaparecimento paulatino se dá, ainda, em função da modificação do padrão de vida da cultura caipira tradicional (CANDIDO, 2001). De outra parte, adentrando o meio urbano, o samba rural unifica-se ao processo de formação dos cordões carnavalescos e, posteriormente, constitui parte da origem das escolas de samba (HORI, 1981) se despojando, enfim, de seus padrões tradicionais.

O momento anterior, quando a modalidade ainda pertencia, juntamente com os incipientes cordões, a uma mesma realidade cultural da comunidade negra de São Paulo, reflete importante quadro histórico poucas vezes aprofundado quando comparado a seus correspondentes mais famosos. Tanto é que a própria denominação deste tipo de samba, conforme visto no início deste capítulo, nunca foi propriamente estabelecida, com cada grupo nomeando-o de maneira distinta. Ao adentrar o campo acadêmico, à exceção de alguns pesquisadores, acaba-se simplesmente por reproduzir a conceituação de Mário de Andrade, sem contextualizá-la devidamente, o que evidencia a falta de estudos aprofundados sobre o tema – quanto ao uso linguístico do samba em território paulista, os trabalhos rareiam ainda mais. Este trabalho, na esteira de outros estudos em andamento sobre o tema, pretende auxiliar a preencher este vazio histórico sobre o estado de São Paulo.

Na atualidade, ante as imposições – em grande parte midiáticas – de certos preceitos generalizantes, o processo de transformação do samba é pouco refletido, ignorando-se comumente o contexto de opressão cultural vivenciado por seus formuladores. A profunda historicidade que emana de um estudo pormenorizado sobre o gênero, acabou sendo substituída pelo entendimento genérico – e errôneo – que reduz as particularidades das manifestações musicais e coreográficas trazidos pelos africanos para o Brasil, desde o início da escravidão.

Isso posto, para proceder à análise das unidades lexicais coletadas, este trabalho se apoiará basicamente na lexicologia, realizando os recortes adequados nesta e em outras áreas.

3. *Lexicologia e definição terminológica*

Antes de nos aprofundarmos neste campo de estudo, é importante clarificar alguns conceitos-chave, que constituem a base fundamental para uma correta interpretação desta e das outras ciências do léxico. Passo primeiro, portanto, é compreender seu objeto de estudo: o léxico.

Conjunto de signos usados pelos membros de determinada comunidade linguística, sincronicamente estruturado por subconjuntos específicos diassistemicamente marcados, o léxico é a “soma organizada de todas as unidades da língua” (ALVES, 1999, p. 70). De acordo com Biderman (2001, p. 13), ele “constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo”.

O homem, ante a necessidade de nomear tudo à sua volta, acaba por utilizar uma das funções do léxico, a de dar nome às coisas. O ambiente humano, contudo, modifica-se, e por isso faz-se necessário criar novas interpretações, novos nomes para novos fenômenos – não é por menos que toda língua que funciona varia, e esta variação implica no seu funcionamento. O léxico, entendido como o conjunto de unidades que nos permite pensar, definir, interpretar, codificar e decodificar o mundo, acaba, por outro lado, não sendo a cópia fiel deste mundo que se faz retratar por meio dele, “mas uma forma particular de percebê-lo por uma determinada comunidade e até mesmo por cada indivíduo que compõe esse grupo” (BRITO, 2013, p. 83).

Na tentativa de dar significado à sua realidade, o ser humano manipula o sistema léxico. As mudanças sociais e culturais, os conceitos do mundo em que cada sujeito está inserido, refletem-se neste sistema, já que é ele a estrutura linguística que exprime as alterações socioculturais de uma comunidade.

Diferentemente do léxico, que abrange todos os signos utilizados pelos membros de uma comunidade linguística, o vocabulário pode ser entendido como o conjunto, passível de descrição, de unidades lexicais usadas por um determinado grupo de falantes, em determinada circunstância, para fins comunicativos. É, portanto, um subconjunto do léxico, mais palpável e delimitável, assim como afirma Barbosa (1995, p. 21): “uma parte do léxico, que representa uma área de conhecimento”. Apoiando-nos neste conceito de vocabulário, que já representa uma certa “área de conhecimento”, decidimos por não utilizar a definição vocábulo-termo, oriunda da etnoterminologia, e sim vocábulo, compreendido como a unidade de léxico. Nesse sentido, temos os “termos”, enquanto unidades lexicais científicas e técnicas (plano do código), e os vocábulos, como unidades atualizadas no discurso, que “assumem diferentes valores significativos de acordo com o contexto” (ALVES, 1999, p. 70). Vê-se, dessa forma, o porquê de tratarmos do vocabulário do samba rural paulista, atendo-nos às comunidades e praticantes que preservam o gênero no estado de São Paulo.

O levantamento de unidades lexicais que nos permitam conhecer a realidade desses grupos, não poderia, certamente, anteceder a conceitualização linguística de *palavra*. Nesse sentido, é rica a literatura sobre a unidade lexical, mas uma designação específica e amplamente aceita é algo ainda inexistente. Biderman (1999, p. 82), face a esta problemática, conclui que “não é possível definir a palavra de um modo universal”, e só se

pode identificar a unidade léxica, delimitá-la e conceituá-la no interior de cada língua.

Fica assim evidente a dificuldade em definir precisamente o conceito de palavra. Martinet (1974), por exemplo, abandona essa noção em proveito de *monema* (lexicais e gramaticais) e *sintagma*, ocupando-se somente de parte da palavra. Antes dele, Leonard Bloomfield, em *Language* (1966), aplica o termo *morfema* para designar a menor unidade significativa, distinguindo as formas livres (toda forma que pode ser um enunciado) das formas presas (toda forma que não pode ser um enunciado). Oriundo da escola norte-americana, Câmara Jr. segue os ensinamentos de Bloomfield, acrescentando o conceito de formas dependentes (sintaticamente), como artigos, preposições e pronomes átonos, mas, assim como Bloomfield, não dedicou maiores considerações sobre a *palavra*.

Bernard Pottier (1974), por sua vez, elaborou uma proposta a partir do termo *lexia*, que pode ser simples, composta ou complexa⁶¹. A *lexia* simples é monolexemática (constitui-se de um único *lexema*) e coincide com a noção de palavra simples da gramática tradicional: casa, de, um, mestre, etc. Resultado da combinação de *lexias* simples ou derivadas, a *lexia* composta é polilexemática, e contém mais de um tema ou radical: guarda-chuva, pão de queijo etc. A *lexia* complexa, enfim, também resultado de uma sequência *lexemática* – e, portanto, *polilexemática* –, em virtude de seu uso constante na língua, acaba por se transformar em construções fixas, num processo de lexicalização semântica, adquirindo significado único, em graus diversos: máquina de escrever, caderneta de poupança, cesta básica, etc. Nesse sentido, Biderman (1999, p. 91-2) afirma que se “a combinatória lexical refere um referente único e perfeitamente identificável no universo extralinguístico, é quase certo que o sentimento linguístico dos falantes os induzirá a considerar esse sintagma lexicalizado como uma *lexia complexa*”.

Com base nisso, importa retomar o conceito de *palavra*, de modo a restringir sua definição. Biderman (1999, p. 87), na mesma obra, elenca três critérios com que podemos operar para delimitar a *palavra*: critério fonológico, critério morfossintático, e critério semântico. Apesar de considerar a pertinência dos dois primeiros critérios, a autora sustenta que o critério decisório final é o semântico: “no topo da hierarquia, a se-

⁶¹ Há ainda a *lexia* textual, que ultrapassa o nível do léxico (canção, oração, hino etc.), mas que não será aprofundada no presente trabalho.

mântica vem congregar as demais informações de nível inferior para nos oferecer a chave do mistério da palavra”.

Tendo isso em vista, parece-nos mais adequado, como se pôde notar desde o início deste trabalho, a utilização de *unidade lexical* para referir esta “unidade semântica mínima do discurso”, indecomponível; enfim, a *palavra*, seja ela simples, composta ou complexa.

Uma vez introduzidos os conceitos-chave, cabe agora nos deter na ciência que estuda o léxico, alicerce capital deste estudo. Tendo por objetivo a análise do vocabulário do Samba Rural, isto é, de determinados vocábulos enunciados durante a manifestação e por seus praticantes, a lexicologia é de suma importância, vez que é a ciência que estuda e descreve o léxico de uma variedade linguística. Tem como essência o estudo de um conjunto de unidades lexicais de determinado sistema, ou de um grupo de indivíduos, como universo léxico ou conjunto vocabulário (BARBOSA, 1990). Esta análise pode ser feita em perspectivas diversas, “de acordo com o recorrente no tempo e no espaço: ponto de vista sincrônico, diacrônico, ou ainda pancrônico, sintópico e diatópico” (BARROS, 2004). Com efeito, enquanto estudo científico do léxico, a lexicologia tem contribuído para delimitar os vocabulários específicos de uma ciência ou, no presente caso, de uma determinada área. Conforme mencionado anteriormente, parece-nos que a definição de Rey é capaz de introduzir o conceito e evita reduzi-lo: “*L’objet de la lexicologie est une théorie compréhensive du fait lexical, tant au niveau des structures (lexique, vocabulaires) que des unités (mot, idiole).*” (REY, 1977, p. 159)

A lexicologia nos auxiliará, portanto, na elaboração de lista que subsidiará a construção de tabela comparativa das palavras selecionadas, contendo as acepções dadas pelas obras lexicográficas e o contexto de uso dado pelos sujeitos. É premente a necessidade de se estudar o léxico pretendido em seu contexto de uso, caso contrário não haveria como assegurar o levantamento do vocabulário em questão, vez que a interação pode ser considerada a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2003, p. 265).

Paralelamente à lexicologia, importa ressaltar a lexicografia e a dicionarística, ciências também significativas na identificação do léxico que envolve o campo semântico do samba rural. Enquanto a primeira é o estudo teórico e análise dos dicionários, da sua elaboração (metodologia) e da sua estrutura (metalexicografia); a segunda tem por âmbito o domínio complexo do dicionário, constituído por todos os tipos de dicionários

e por tudo que lhe diz respeito, recobrando simultaneamente o campo do dicionário-observação e do dicionário-objeto de estudo (produção) (Cf. QUEMADA, 1987).

4. Estudo semântico-lexical do samba rural paulista

Atualmente, o samba rural paulista sobrevive graças à colaboração e incentivo de grupos como o “Samba Lenço”, de Mauá; o “Teatro Popular Solano Trindade”, de Embu das Artes; o “Samba de Roda”, de Pirapora; o “Samba de Cururuquara”, em Santana do Parnaíba, dentre outros poucos. Com efeito, algumas destas comunidades foram objeto de levantamento de dados etnográficos, a fim de se averiguar os obstáculos enfrentados e oriundos, em grande medida, do trauma mercadológico e caricatural por que passou (e passa) o mundo do samba.

Em um destes trabalhos, realizado por Manzatti e disponibilizado no *Acervo Cachuera!*, encontramos uma farta coleta de entrevistas livres *in loco* e, ainda, a documentação da produção lítero-musical dos grupos praticantes do samba rural, que corresponde a cerca de 80% do repertório conhecido por estes mesmos grupos (MANZATTI, 2005, p. 10). Estes materiais orais, extremamente ricos em vocábulos utilizados na manifestação, foram cotejados juntamente a materiais escritos, que retratam a história do samba paulista e brasileiro.

A partir desta primeira coleta, selecionamos três unidades lexicais que dizem respeito, especificamente, às designações que recebe o samba rural paulista, ressaltando-se o fato de serem as unidades mais comumente empregadas tanto por praticantes quanto por estudiosos. Sendo assim, contamos com vocábulos (i) encontrados no falar de alguns praticantes deste tipo de samba, coletados durante entrevistas livres realizadas por Manzatti (2005); (ii) presentes nas letras de suas músicas; e ainda localizados na (iii) bibliografia sobre o tema. Cabe mencionar, neste ponto, a dificuldade em se contar com fontes não somente em relação ao samba paulista, mas quanto ao samba em geral. Certamente a modalidade de samba analisada neste trabalho é ainda mais difícil de se investigar, mas Siqueira (2012, p. 7) aponta para uma problemática presente em qualquer estudo relacionado ao samba, ainda que urbano: “Um primeiro problema refere-se às fontes (...) pois o lado obscurecido não foi esquecido, mas omitido. A história não se esquece e, portanto, não merece ser culpada pelos interesses daqueles que a escrevem.”

Buscamos superar as adversidades nos restringindo aos vocábulos mais utilizados (MANZATTI, 2005) para denominar o samba rural, ainda que não analisemos a quantidade de itens por nós inicialmente desejada. Pautados nessa lista, faremos a análise apresentando uma acepção de cada uma das unidades lexicais escolhidas, seja em material de tipo oral ou escrito, seguida por uma tabela comparativa com o registro encontrado nas obras lexicográficas pesquisadas. Por último, analisaremos e comentaremos brevemente os dados apresentados.

É certo que o dicionário reflete um dado momento histórico e não podemos esperar que englobe todo o léxico de uma comunidade; nesse sentido, escolhemos as obras lexicográficas citadas a seguir, em meio a tantas outras, por abrangerem dois séculos (XX, XXI) e permitirem, desse modo, uma comparação histórica das unidades lexicais. Além disso, optamos por inserir obras de conteúdo específico, voltadas para o folclore e música brasileiros. Outrossim, deixamos de lado obras clássicas, como as de Pe. Raphael Bluteau (de 1712- 1728), Antônio de Moraes Silva (de 1813) e Luiz Maria da Silva Pinto (de 1832), tendo em vista o período de sua elaboração, anterior à consolidação do samba pesquisado. Seguem as obras, por ordem cronológica:

1. Laudelino Freire – 1957;
2. Francisco Júlio de Caldas Aulete – 1964;
3. Adalberto Prado e Silva (Michaelis) – 1976;
4. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira – 1980;
5. Mário de Andrade – 1989;
6. Luis da Câmara Cascudo – 1984;
7. Francisco da Silva Borba – 2004;
8. Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar – 2007.

As acepções apresentadas nas tabelas a seguir foram transcritas assim como as encontramos nas obras consultadas. Outrossim, utilizamos as seguintes abreviações, de modo a ganhar espaço:

m. Masculino

s. Substantivo

Os quadros listados abaixo⁶² contêm a descrição de cada uma das unidades lexicais selecionadas e encontradas em nosso *corpus*, assim como sua abonação por praticantes e estudiosos do Samba Rural Paulista. A respectiva tabela comparativa e uma breve análise/comentário dos dados apresentados complementam estes quadros.

Quadro 1: Samba de Bumbo

Conforme relatado anteriormente, tal qual *samba rural paulista*, a unidade lexical *samba de bumbo* abrange as manifestações relacionadas ao samba germinado no interior do estado de São Paulo, desde meados do século XIX. Juntamente com o batuque de umbigada e o jongo, o samba de bumbo compõe a trilogia das manifestações culturais negras de terreiro originadas no tempo da escravidão e que ainda permanecem sendo praticadas em São Paulo. Representam, ao lado dos zé pereiras, boizinhos, caiapós e cordões, as matrizes culturais formadoras do carnaval paulista (MANZATTI, 2005, p. 59).

É, por certo, a unidade lexical *mais utilizada* para especificar o samba aqui analisado, seguida por *samba de roda* ou *samba-roda*. Conforme esclarecido ao longo deste trabalho, utilizamos a unidade lexical *samba rural paulista* em detrimento a *samba de bumbo*, cientes de que a primeira, apesar de academicamente aceita, é praticamente olvidada pelos praticantes do samba paulista. *samba de bumbo*, por sua vez, é amplamente empregada pelos sambistas e participantes:

É. Que é o diferente, né? Porque, samba de roda... ‘cê fala samba de roda é da Bahia. Não, é partido alto, do Rio, e tal. Não, é o *samba de bumbo*, que você acaba diferenciando, mesmo pra levantá um pouco de interesse dessas pessoas em querê sabê o que é samba de bumbo. (MANZATTI, 2005, p. 299, grifo nosso)

Há, como é possível depreender, contradições imanentes quanto à nomenclatura exata. Osvaldinho da Cuíca, contudo, parece solucionar a contenda, ao afirmar que

A palavra “samba”, em São Paulo, só ganhava sentido comum, entendido por gente de qualquer parte do estado, quando se falava no *samba-de-bumbo* das popularíssimas festas de Bom Jesus de Pirapora. Aquela era, sem dúvida,

⁶² Tem-se a impressão de que o autor se esqueceu de incluir os referidos quadros, apesar de serem importantes as informações que oferece.

a manifestação mais popular que levava o nome de samba por essas bandas. (CUÍCA; DOMINGUES, 2009, p. 23, grifo nosso)

Samba de Bumbo: Modalidade paulista de samba, dançada ao som do bumbo; designação que agrupa diversas manifestações do samba do estado.

Aulete	Silva	Ferreira	Andrade	Cascudo	Borba	Houaiss
Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.

Tabela 4.9. Comparação da unidade lexical *Samba de Bumbo* entre os dicionários

A unidade lexical *samba de bumbo* não aparece em nenhuma das obras lexicográficas consultadas; apesar de, como vimos, ser uma das maneiras mais comuns (se não a mais) de se nomear o samba paulista. Nem ao menos obras especializadas, como o *Dicionário Musical Brasileiro*, de Mário de Andrade, e o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Câmara Cascudo, registram a unidade.

Quadro 2: Samba de Roda / Samba-Roda

Outra nomenclatura empregada ao samba tipicamente paulista é *samba de roda*, ou sua variante *samba-roda*. Menos acadêmica que *samba rural paulista* e não tão usual quanto *samba de bumbo*, *samba de roda* é muito frequente em Pirapora do Bom Jesus, onde o único grupo praticante se intitula da mesma maneira. Apesar de suas diferenças congêntas, tal nome acaba por aproximá-lo do samba-de-roda baiano, causando confusão. Em seus estudos, Osvaldinho da Cuíca critica esse movimento:

O próprio nome “*samba-de-roda*” tem sido usado para qualificar aquela música, o que é um absurdo, pois, mesmo que alguns sambistas antigos chamassem o batuque assim, sua presente adoção é evidentemente baseada no conhecidíssimo ritmo da Bahia. (CUÍCA; DOMINGUES, 2009, p. 32, grifo nosso)

Entretanto, é bastante comum o uso desta unidade lexical por praticantes tradicionais do Samba Rural, pelo que devemos considerá-la no presente trabalho. Senão, vejamos:

E, de repente, o cara não se toca que é uma coisa diferenciada, daqui do estado de São Paulo. Então, eu sempre uso o termo samba de bumbo, mas aqui em Campinas o pessoal sempre falou *samba de roda*. Sempre. (MANZATTI, 2005, p. 299)

Samba de Roda/Samba-Roda: Diz-se do *samba de bumbo* ou, ainda, do *samba rural paulista*, em determinadas localidades do estado de São Paulo; modalidade típica do samba paulista.

As obras lexicográficas de Aulete, Ferreira, Mário de Andrade e Cascudo não registram esta unidade lexical. Todavia, as acepções dadas por Silva, Borba e Houaiss contêm características interessantes e que merecem maior atenção.

Aulete	Silva	Ferreira	Andrade	Cascudo	Borba	Houaiss
Não há registros.	s.m. Uma das modalidades do samba rural paulista já sincretizada com o fandango.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	s.m. Dança em ritmo de samba executada na Bahia e no interior paulista, onde já está sincretizada com o fandango.	s.m. Variedade de samba de ritmo bem marcado com palmas ou instrumentos, em que os dançarinos fazem grande roda e cada um deles dança e a seguir escolhe um substituo com uma umbigada.

Tabela 4.10.

Comparação da unidade lexical Samba de Roda ou Samba-Roda entre os dicionários

Silva, por exemplo, é aquele que mais se aproxima da acepção referida pelos sujeitos e encontrada em nosso *corpus*. Faz, inclusive, referência ao *samba rural paulista* (unidade lexical que deixará de registrar, como veremos adiante), mas acaba por conceber uma sincretização praticamente inexistente, vez que o fandango possui atributos bastante distantes da tradição do samba paulista. O fandango institui certos preceitos coreográficos e, por assim dizer, disciplinantes, que foram sim assimilados pelos negros caipiras do estado de São Paulo. É um equívoco, contudo, falar em incorporação do gênero. Borba, talvez influenciado pela obra de Silva, trata da mesma sincretização, mas o que nos interessa em sua definição é a confusão entre o samba baiano e o samba paulista. Osvaldinho da Cuíca já alertara para essa obscuridade causada pela denominação sinonímica, mas o músico Alceu Estevam é mais direto:

Porque, samba de roda... cê fala samba de roda é da Bahia. Não é partido alto, do Rio, e tal. Não é o samba de bumbo, que você acaba diferenciando, mesmo pra levantá um pouco de interesse dessas pessoas em querê sabê o que é samba de bumbo. Samba de roda, de repente pode até falá assim:

– “Ah, tá. samba de roda, eu vi lá em Salvador. Fui passá uma férias lá e eu vi muito samba de roda lá”.

E, de repente, o cara não se toca que é uma coisa diferenciada, daqui do estado de São Paulo. (MANZATTI, 2005, p. 299)

Vê-se, portanto, que a acepção dada por Borba carece de maior detalhamento.

Já Houaiss traz acepção relacionada diretamente ao samba da Bahia, explicitando algumas características daquele tipo de samba, distanciando-se do sentido atribuído pelos praticantes da modalidade paulista. Em 2004, contudo, em seu dicionário eletrônico, Houaiss assim define: “samba roda, s.m. tipo de samba rural paulista já fundido com o fandang”, significado este muito semelhante àquela de Silva, em que a unidade lexical *samba rural paulista* é também citada. Estranha-nos que alguns anos depois, em 2007, o lexicógrafo não faça mais menção ao samba rural, referindo-se unicamente ao samba de roda (ou samba-roda) baiano.

Quadro 3: Samba Rural Paulista

Na primeira metade do século XX, quando as manifestações populares paulistas passaram a ser observadas mais atentamente por estudiosos, os diversos tipos de samba do estado foram reunidos sob o nome samba rural. Vale dizer, uma vez mais, que foi Mário de Andrade, em 1937, que utilizou o adjetivo rural para designar a forma de samba por ele encontrada em Pirapora do Bom Jesus:

Mas, se não tenho a menor intenção de negar haja danças sexuais e que muitas danças primitivas guardam um forte e visível contingente de sexualidade. Não consigo ver neste *samba rural* coisa que o caracterize mais como sensual. (grifo nosso)

Todavia, ainda hoje esta unidade lexical é pouquíssimo empregada pelos praticantes da manifestação, servindo apenas como base acadêmica para sua conceituação precisa.

Samba Rural Paulista: O mesmo que samba de bumbo; designação acadêmica do samba praticado no interior do estado de São Paulo.

Aulete	Silva	Ferreira	Andrade	Cascudo	Borba	Houaiss
Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.

Tabela 4.11.

Comparação da unidade lexical *Samba Rural Paulista* entre os dicionários

Novamente, como em *samba de bumbo*, não há qualquer registro feito pelos dicionaristas. Há que se notar que, dentre as formas empregadas para designar o samba paulista (*samba de bumbo*, *samba de ro-*

da/samba-roda e *samba rural paulista*), a forma menos usual (*samba de roda/samba-roda*) foi a única encontrada nas obras analisadas. No mais, dois autores – Silva e Houaiss (em 2004) – anotam a unidade lexical quando tratam de *samba-roda*, para depois olvidarem, inexplicavelmente, sua apreciação. Isso aponta para uma inescusável lacuna nas obras lexicográficas do português brasileiro.

5. Considerações finais

Durante nossa pesquisa foi possível observar que as obras lexicográficas registram uma parcela ínfima das unidades lexicais selecionadas. Deve-se ressaltar que estas unidades lexicais básicas e inerentes à manifestação, isto é, aquelas que a nomeiam, não aparecem em mais de 90% das entradas pesquisadas. *Samba de bumbo* e *samba rural paulista* não constam em nenhuma das obras analisadas, e *samba de roda/samba-roda* está registrada de modo (relativamente) correspondente somente em Silva e Borba. Importa esclarecer, uma vez mais, que dentre as três nomenclaturas para o tipo de samba estudado, esta última unidade lexical é a menos frequente.

A lacuna, em um primeiro momento, parece-nos inescusável; mas há que se ressaltar o quase completo desaparecimento da manifestação logo após a propagação maciça do samba carioca nos anos 30. É provável que o ritmo do Rio de Janeiro tenha subjugado a tradição paulista, o que justificaria o registro de unidades lexicais comuns aos dois universos (como *batuque*, *samba*, *bamba*, *roda*, etc.) e a não contemplação daquelas estritamente pertencentes ao samba rural.

A manifestação paulista, enfim, aos poucos vem deixando de existir, e a falta de registros nos oito dicionários aponta para a necessidade de luta contínua por sobrevivência. Os grupos que ainda salvaguardam a memória do povo paulista precisam do apoio das comunidades que o circundam; e, dentre elas, está a comunidade científica. Apesar de, como diz Noel Rosa, não ser possível aprender samba no colégio, promover o encontro entre esses dois mundos é, hoje, um dever prestado à tradição cultural do país. São Paulo, berço do samba rural, precisa reivindicar sua vanguarda, esquecida, ou omitida, nas entrelinhas da história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, I. M. A delimitação da unidade lexical nas línguas de especialidade. In: BASÍLIO, M. (Org.). *A delimitação de unidades lexicais*. Rio de Janeiro: Grypho, 1999.

ANDRADE, M. de. *O samba rural paulista*. Separata da *Revista do Arquivo Municipal*. n. 41. São Paulo: Departamento de Cultura, 1937.

_____. *Dicionário musical brasileiro*. Coordenação O. Alvarenga e F. C. Toni. São Paulo: Edusp, 1989.

AULETE, F. J. de C. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Delta, 1964.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, M. A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA E I ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA TÉCNICO-CIENTÍFICA, 2º, 1990, Brasília, *Anais...* p. 152-158.

_____. Contribuição ao estudo de aspectos de tipologia de obras lexicográficas. *Revista Brasileira de Linguística*. São Paulo, v. 8, n. 1. 1995.

BARROS, L. A. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

BASTIDE, R. *Sociologia do folclore brasileiro*. São Paulo: ECA, 1961.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. de. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

_____. Conceito linguístico de palavra. In: BASÍLIO, M. (Org.). *A delimitação de unidades lexicais*. Rio de Janeiro: Grypho, 1999.

BLOOMFIELD, L. *Language*. Nova Iorque: Holt, Rinehart and Winston, 1966.

BORBA, F. (Org.). *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2004.

BRITO, M. S. de. *Estudo do vocabulário do cururu em Piracicaba*. São Paulo, 2013. Dissertação (Mestrado). Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo.

CACHUERA. *Quem somos*. Disponível em: <http://www.cachuera.org.br/cachuerav02/index.php?option=com_content&view=article&id=81&Itemid=53>. Acesso em 07-07-2013.

CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Editora 34, 2001.

CASCUDO, L. da. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CUÍCA, O.; DOMINGUES, A. *Batuqueiros da Paulicéia*: enredo do samba de São Paulo. São Paulo: Barcarolla, 2009.

CUNHA, M. W. V. da. Descrição da festa de Bom Jesus de Pirapora. *Revista do Arquivo Municipal*, XLI. São Paulo: Departamento de Cultura, 1937.

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

FREIRE, L. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

HORI, I. M. *Samba na cidade de São Paulo (1900-1930)*: contribuição ao estudo da resistência e da repressão cultural. São Paulo, FFLCH-USP, 1981.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de. S. *Dicionário da língua portuguesa*. 2ª reimpr. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

MANZATTI, M. S. *Samba Paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro: estudo sobre o samba de bumbo ou samba rural paulista*. 2005. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica. São Paulo.

MARTINET, A. *Elementos de linguística general*. Trad.: Julio Calonge Ruiz. 2. ed. Madrid: Gredos, 1974.

POTTIER, B. *Linguistique générale: théorie et description*. Paris: Klincksieck, 1974.

QUEMADA, B. *Notes sur lexicographie et dictionnaire*. Cahiers de Lexicologie. Paris: Didier, 1987.

REY, A. *Le lexique: images et modèles: du dictionnaire à la lexicologie*. Paris: Armand Colin, 1977.

SILVA, A. P. (Org.). *Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Mirador Internacional, 1976.

SIQUEIRA, M. B. *Samba e identidade nacional: das origens à Era Vargas*. São Paulo: Unesp, 2012.